

Na Solar, em Vila do Conde, as histórias do cinema de *Gustav Deutsch*. Na exposição *Reflections* destaca-se *Film Ist.*, uma instalação que resgata memórias guardadas em arquivos cinematográficos.

O filme é um filme é um filme

Oscar Faria

Gustav Deutsch (1952, Viena) é um destacado praticante do "found footage", um método que consiste em reunir material pré-existente a partir do qual se compõe uma outra obra cinematográfica. Nesse sentido, a montagem das imagens reunidas assume um papel determinante na composição do novo trabalho: é ela que fornece sentidos, ritmos e relações estranhas aos objectos originais. Trata-se, para o crítico Maikel Aarts, do "efeito Kuleshov", técnica segundo a qual o significado de um filme apenas surge quando "imagens separadas são editadas conjuntamente." Este princípio, quando usado de forma eficaz, traduz-se numa expansão do próprio conceito de cinema, uma actividade a que o artista austríaco se dedica, desde 1996, com a produção de pequenos episódios intitulados "Film Ist.", agora apresentados na exposição "Reflections", patente na Solar - Galeria de Arte Cinematográfica, em Vila do Conde.

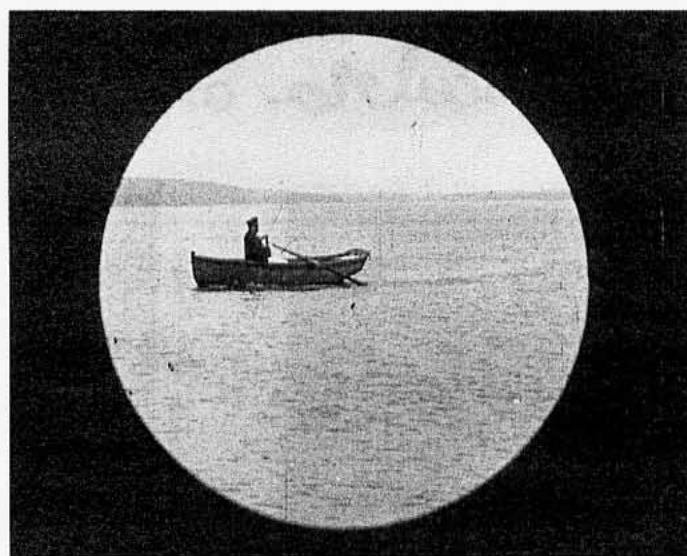
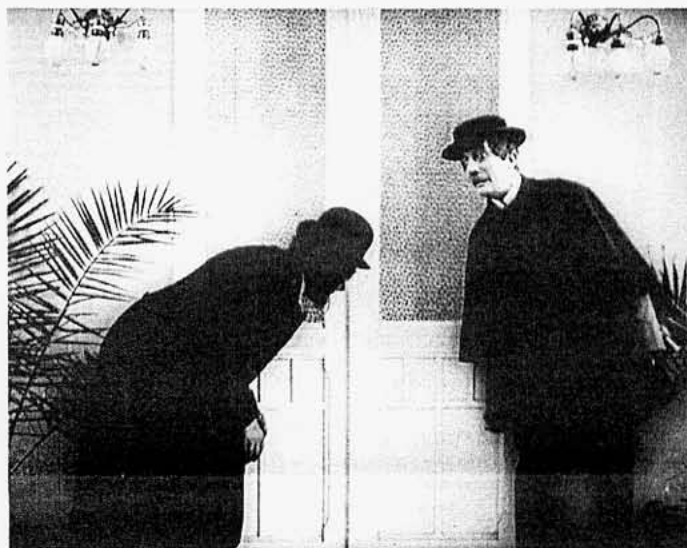
O trabalho de Gustav Deutsch assemelha-se ao de um arqueólogo. A sua actividade permite salvar do esquecimento ou da destruição milhares de películas, sejam estas descobertas por acaso — como uma sequência achada numa rua de Casablanca —, ou fruto de um persistente trabalho de investigação em arquivos cinematográficos, colecções privadas ou museus. O seu argumento principal é que o filme existe, é — "film ist" —, sem necessitar de ser definido por outros meios. Para os episódios 7-12 deste impressionante "work in progress", o realizador usou excertos de 190 obras produzidas nas três primeiras décadas da história do cinema, numa época em que este ainda mantinha pontes com o universo das atrações populares, como os espectáculos de magia, os "rodeos", os bonecos de cera ou mesmo os panoramas.

"Film Ist." é a obra maior da exposição. Apresentada numa instalação com oito

ecrãs suspensos e em "U", facto que não permite visualizar todos em simultâneo, ela desenvolve-se não só segundo o princípio da montagem, no qual o uso do "loop" é preponderante, mas também do "mixing", tal como praticado por um "vj". A banda sonora assume igualmente um papel fundamental, pois acentua não só o efeito de espelho presente na forma como Deutsch constrói as suas narrativas, mas também potencia a leitura das imagens, por vezes acompanhando as acelerações, diluições ou sobressaltos nelas contidos, noutras abrindo o campo para mais uma camada de significações — entre os arquitectos sonoros encontram-se os nomes de Werner Dafeldecker, Christian Fennesz, Martin Siewert e Burkhard Stangl. Note-se que este trabalho tem outras montagens — sob a forma de panorama, por exemplo — e existe numa cuidada versão DVD.

A proliferação de imagens encontra-se dividida em duas partes distintas. Na primeira, os episódios 1-6, Deutsch centra-se em filmes científicos, sendo a ideia de laboratório desenvolvida em declinações que constituem outras tantas definições de cinema: "movimento e tempo"; "luz e escuridão"; "instrumento"; "material"; "um pestanejar de olho"; "um espelho" — nesta sequência, vemos pessoas cujo rosto evoca emoções diversas, face a um qualquer acontecimento invisível para o espectador. Estas cenas são intercaladas com imagens da extração de um olho, erando-se a relação entre documentos científicos com origens distintas (a memória vem o filme "Un Chien Andalou" (1929), de Luis Buñuel, talvez justificando a proximidade desta sobre-realidade proposta pelo cineasta austríaco ao surrealismo, até porque muitas das situações propostas possuem um humor negro, à Breton).

A segunda parte, os episódios 7-12, relacionam-se, com a história do cinema, e foram concebidos com



material proveniente do Netherlands Filmmuseum, da Cineteca di Bologna, do Centre National de la Cinematographie, do Filmarchiv Austria e da Cinemateca Portuguesa. No blogue de cinema e cultura contemporânea "ainda não começamos a pensar" (<http://aindاناocomecamos.blogspot.com>) é possível observar o cineasta, ou "cine-arqueólogo", a seleccionar as ima-

gens no Arquivo Nacional das Imagens em Movimento. O documento ajuda a compreender o processo de trabalho de Deutsch, para quem a moviola tem uma importância fulcral. Como sublinha o realizador no texto de apresentação de "Reflections", "Film Ist.", tal como outros trabalhos patentes na Solar — "Welt Spiegel Kino" (2005) e "International Transmis-

sion Ending" (1992), obra composta pelos últimos 10 segundos de programas e o final de emissão de 48 estações de televisão de 20 países — remete para uma das vertentes do seu projecto artístico, relacionada com "o significado dos audiovisuais como espelho do mundo e o conflito com a fenomenologia dos próprios media."

Um sem-número de questões políticas atravessa os tra-

balhos de Deutsch. Na Solar é ainda visível "Mariage Blanc" (1996). Uma obra acerca dos casamentos simulados entre um homem marroquino e uma mulher europeia, com o objectivo daquele obter uma autorização de residência num país da Europa, adquirindo depois a respectiva nacionalidade. Numa sucessão de quadros, Moustafa Tabbou repete, em todas as línguas da União Europeia, a sua disponibilidade para contrair matrimónio. Após de si, apenas muda a bandeira, o discurso, sempre o mesmo, sublinha um paradoxo: a capacidade de comunicar encerra a impossibilidade de concretizar esse desejo de atravessar as fronteiras na tentativa de melhorar a sua vida.

Herdeiro de praticantes do "found footage", como Joseph Cornell ou Bruce Conner, Deutsch prossegue também essa tarefa de contar histórias do cinema, reinventando velhas imagens, por vezes já corroidas pelos químicos que lhes deram existência. Queimadas, riscadas, tintadas, perfuradas ou perfeitas na sua conservação, elas surgem como aparições, repetições desse momento inicial, quando, na caverna, outros homens viram nas paredes imagens invertidas do mundo exterior. Se um exemplo próximo é Godard, outro é certamente a escritora Gertrude Stein, com o seu circular e erótico palíndromo "A rose is a rose is a rose", agora metamorfoseado em "a film is a film is a film". Contudo, como aponta Tom Gunning, "Film Ist." é melhor: "Um filme não pode ser definido, porque as suas limitações são as da sua própria existência." *

Reflections

de Gustav Deutsch
VILA DO CONDE, Solar - Galeria de Arte Cinematográfica, Solar de S. Roque, Rua do Lيدador, 1, 2526-46516, De 3ª a 6ª, das 14h30 às 18h (6ª até às 24h); sáb., das 9h30 às 12h30 e das 14h30 às 24h; dom., das 9h30 às 12h30 e das 14h30 às 18h30. Até 14 de Janeiro de 2007.